

De olho na liderança da América Latina

Roberto Stuckert Filho

MARIA LIMA



Fernando Henrique cumprimenta os presidentes da Bolívia, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai durante encontro em Brasília

‘Se a situação exigir vou falar com todos os chefes de Estado’

‘O mundo mudou. O FMI e o Bird precisam mudar’

Fernando Henrique Cardoso

O próximo passo é conversar com Clinton

O passo seguinte do presidente Fernando Henrique Cardoso, como porta-voz dos países da América Latina contra o FMI e o Banco Mundial, é discutir o assunto com o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, no próximo mês. Ele acha que terá boa acolhida, já que os próprios americanos tiveram de lançar mão do seu fundo de reservas em favor do México.

— Se a situação exigir, vou falar sobre o assunto com todos os chefes de Estado com quem me encontrar. O mundo mudou. O Brasil está mudando. O FMI e o Banco Mundial também precisam mudar — disse Fernando Henrique.

Um dos motivos que o levaram a investir contra o FMI foi o difícil processo de renegociação da dívida brasileira no ano passado, quando Fernando Henrique, então ministro da Fazenda, e o negociador brasileiro, Pedro Malan, não conseguiram do Fundo um empréstimo que o hoje presidente chama de “miseros US\$ 2 bilhões”.

— Ele estava com aquilo atravessado na garganta — disse um de seus assessores.

BRASÍLIA — Um não do Fundo Monetário Internacional (FMI) atravessado na garganta e as dificuldades do México e da Argentina encorajaram o presidente Fernando Henrique Cardoso a adotar o discurso por mudanças na política econômica mundial que fez em sua recente passagem pelo Uruguai e pelo Chile. Amigos do presidente acham que ele mostrou muita sensibilidade política ao defender a necessidade de mecanismos de proteção para países vizinhos fragilizados e ao denunciar a falência do FMI e do Banco Mundial como controladores do sistema financeiro internacional.

Dentro da estratégia de criar polêmica, Fernando Henrique quer voltar a ocupar o tradicional lugar de líder da América Latina em que todos os presidentes do Brasil estiveram, e que Itamar Franco recusou. O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, louvou a iniciativa:

— O presidente teve o timing perfeito! Já vínhamos discutindo a questão em nosso grupo há algum tempo, mas ninguém esperava que ele dissesse aquilo de forma tão contundente. E foi o momento certo, pois países de

todo o mundo, como o Canadá e a Itália, começam a se movimentar no mesmo sentido.

Essa movimentação de Fernando Henrique não se restringe apenas aos países da América Latina, de cujos governos recebeu apoio. Em telefonema, apelou ao rei Juan Carlos, da Espanha, para que este engrossasse uma campanha que Fernando Henrique espera que venha a ser

tema da reunião do Grupo dos Sete, o G-7, que reúne os países mais industrializados do mundo.

— O rei Juan Carlos está atento à situação da Itália, que faz fronteira com seu país e vive uma situação preocupante. Eu disse a ele: estou me movimentando por aqui, mas vocês que são grandes também precisam

começar a se mexer — disse o presidente brasileiro.

Antes de atacar o FMI no Chile, Fernando Henrique obteve o aval do presidente Carlos Menem (Argentina), Júlio Maria Sanguinetti (Uruguai), Lech Walsesa (Polônia) e até do primeiro ministro do Canadá, Jean Chrétien. Como presidente de um país que até agora se encontra numa posição confortável em re-

lação a outros da América Latina, escolheu o Chile, outra economia estável, para seu discurso. O ministro das Relações Exteriores, Luís Felipe Lampréia, explicou a importância do discurso de Fernando Henrique:

— Ele não está refletindo uma posição isolada. Tocou no ponto mais sensível hoje para nossos parceiros da América Latina.